

## Tramas da Convergência: hiperdispositivo e a cobertura dos Jogos Olímpicos de Verão pela BBC em 2012

Lorena Tárzia<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como propósito retomar o tema da nossa tese de doutorado, na qual buscamos compreender as relações de saber e poder que se estabelecem entre o processo de convergência de mídias e o jornalismo. Investigamos a possibilidade de configuração de um hiperdispositivo constituído por três dispositivos complementares acoplados historicamente: esportes, jornalismo e mídia. Nossa hipótese, confirmada, foi de que o jornalismo televisivo contemporâneo, em sua vertente esportiva e em contexto de convergência de mídias, pode ser mais bem compreendido por meio da análise das relações e dos processos que o constituem e não dos seus produtos e rotinas. Elegemos como objeto empírico a cobertura da BBC sobre o megaevento esportivo Jogos Olímpicos de Verão de 2012.

**Palavras-chave:** convergência de mídias, jornalismo, megaeventos, cartografia de dispositivos, hiperdispositivo.

**Abstract:** This paper aims to revisit the issue of our doctoral thesis, in which we seek to understand the power and knowledge relationship established between media convergence and Journalism. We seek to investigate the possibility of setting up a hyperdispositive composed of three complementary dispositives assembled historically: Sports, Journalism and Media. Our hypothesis, confirmed, was that contemporary television journalism, in its sporting aspect and in a context of media convergence, can be better understood through the analysis of relationships and processes rather than through the investigation of products and routines, as has been the focus of many previous studies in the area. The BBC coverage of the mega sports event Summer Olympics/2012 has been chosen as the empirical object and reference point.

**Keywords:** Media Convergence, Journalism, Mega-events, Hyper Dispositive, Cartography of Dispositives.

### 1. Introdução

Este artigo resulta da nossa pesquisa de doutorado, na qual propusemos o entendimento do processo de convergência de mídias a partir do reconhecimento de um hiperdispositivo, constituído por três dispositivos convergentes e potencializados entre si - o esporte, o jornalismo e as mídias - em um feixe de relações complexificado pelos processos contemporâneos de comunicação.

Buscamos responder à seguinte questão: De que modo e em que medida o processo de convergência de mídias - entendido como hiperdispositivo constituído a partir do acoplamento dos dispositivos esportivo, jornalístico e midiático - interferiu na cobertura do megaevento

---

<sup>1</sup>Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte. Mestre em Educação pela PUC Minas. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). E-mail: lorenatarzia@gmail.com.

esportivo Jogos Olímpicos de Verão em 2012 pela BBC? E, de maneira mais ampla, como o desvelamento do intrincado feixe de relações on-line e off-line que permeia a convergência de mídias em estudo pode contribuir para a compreensão dos processos contemporâneos de comunicação?

Interessou-nos, no conceito de dispositivo de Foucault, assim como na abordagem de Deleuze e Guattari, a forma como viabilizam um modo de observar episódios heterogêneos, diversificados e espalhados em rede por meio da captura dos discursos e não discursos representativos das relações de saber-poder que os constituem alinear e historicamente.

Para desvelar o que consideramos como um novo em permanente estado de movimento, propusemos a construção de uma metodologia baseada na conjugação de dois processos, a nosso ver, complementares: a genealogia das relações de saber-poder (FOUCAULT, 1999) e a cartografia de dispositivos (DELEUZE; GUATTARI, 1995), ainda que, em um primeiro olhar, essa junção não se estabelecesse de imediato, considerando-se as perspectivas distintas das duas abordagens.

Nosso movimento metodológico consistiu em um mapeamento genealógico das relações de discurso-saber-poder que conformaram os dispositivos em questão, procurando compreender a construção histórica do processo de convergência de mídias entre 1896 (primeiro Jogo Olímpico da era moderna) e 2008 (Jogos pré-Londres/2012), por meio da análise de documentos oficiais, notícias de jornais, publicações e comentários na *web*. Não apenas esses, mas também outros indícios não discursivos, como os prédios, as imagens, os silêncios etc.

Esse desvelamento nos revelou pistas significativas para a compreensão do feixe de relações que atravessava nosso objeto, a cobertura dos Jogos Olímpicos de Verão de 2012 pela BBC. Para a construção do conceito de hiperdispositivo, ocupamo-nos da discussão sobre as noções de convergência de mídias, dispositivo e genealogia. Além de Foucault e Deleuze, acionamos a contribuição de outros comentadores (AGAMBEN, 2005; BRUCK, 2012; RAFFNSØE; GUDMAND-HØYER; THANING, 2014; BUSSOLINI, 2010; KESSLER, 2006). Também discutimos a convergência de mídias em suas diversas abordagens (JENKINS, 2008; JENKINS; GREEN; FORD, 2013; GORDON, 2003; FAGERJORD; STORSUL, 2007; MAXWELL; MILLER, 2011; APPELGREN, 2004; HEPP *et al.*, 2008) e o jornalismo convergente (KOLODZY, 2006, 2012; QUINN, 2005; SALAVERRÍA;

NEGREDO, 2008; TAMELING; BROERSMA, 2008; BOCZKOWSKI, 2005; ALZAMORA; TÁRCIA, 2012a, 2012b), apontando as brechas nos estudos da área e apresentando as bases constitutivas da nossa proposta de hiperdispositivo. Defendemos uma abordagem histórica e crítica do processo de convergência, por meio das relações entre discursos de saber-poder e não de suas rotinas e produtos. Discutimos os dilemas da televisão na contemporaneidade (DAYAN, 2009; JOST, 2010; SCOLARI, 2008; BRIGGS; BURKE, 2002), posicionando a BBC nesse cenário. Ao final, procuramos clarear o que constituiria um dispositivo midiático televisivo dentro da nossa proposta de abordagem (KLEIN, 2007; ALZAMORA; RODRIGUES, 2014; BOURDIEU, 1997) e justificamos a opção pela noção de hiperdispositivo por meio das discussões de Carlón (2004) e Alzamora, Rodrigues e Utsch (2014).

Dentre os resultados alcançados, destacamos o reconhecimento de uma intrincada relação polifônica, multidimensional, conformada genealogicamente, na qual as distintas vozes constituem-se enquanto fator relevante para a compreensão da convergência de mídias como um processo em permanente movimento, muito embora seja possível identificar camadas profundamente sedimentadas. Também destacamos a percepção do jornalismo televisivo especializado em esportes enquanto um elemento híbrido, capaz de conjugar características multi, inter e transmidiáticas, a depender das relações de saber-poder estabelecidas em processo de enredamento.

A possibilidade de refletir sobre um hiperdispositivo como atlas facilitador da leitura dos múltiplos e movediços mapas aflorados a partir da metodologia de cartografia proposta aponta-nos para desdobramentos futuros, em que possamos pensar a metodologia da nossa tese em conexão com o universo dos algoritmos e metadados, avançando em relação à abordagem binária digital, que configura a convergência de Jenkins (2006) e na qual nos baseamos.

## **2. Hiperdispositivo como Atlas**

A noção de dispositivo foi pensada por Michel Foucault na década de 1970, quando a lógica verticalizada das mídias de massa estava em seu auge, estabilizada na conformação dos pactos de relacionamento entre telespectadores e emissoras, no qual as mídias tradicionais

pautavam os tempos, espaços e padrões visuais por meio da programação (JOST, 2010). As possíveis “conversas” entre as partes se davam por meio de telefone, cartas, participação em programas de auditório ou pesquisas genéricas de audiência.

Ainda que os fundamentos de sua obra permaneçam potentes na compreensão dos processos contemporâneos de comunicação, defendemos a necessidade de pensar a convergência de mídias (JENKINS, 2006) enquanto um acoplamento de dispositivos amplificados em suas visualidades, temporalidades e territorialidades possibilitadas pelas tecnologias digitais de comunicação e em tensionamento com as lógicas midiáticas horizontalizadas.<sup>2</sup>

Para Scolari (2008, p. 5), as mutações neotelevisivas propostas por Eco (1984) na década de 1980 se intensificaram e aceleraram no final dos anos 1990. Os gêneros se confundiram ainda mais e “o informativo terminou por diluir-se no ficcional” dos *realities shows* ou, diríamos, no universo de entretenimento dos esportes. No caso da televisão, os meios agudizaram a tendência de falar de si próprios, conformando uma metatelevisão (Carlón, 2006). Mas não apenas isso. Segundo Alzamora e Rodrigues (2014), as televisões falam de si: essas falas repercutem nas conexões de redes sociais e retornam a elas remixadas (MANOVICH, 2005), amplificadas por camadas de conversações plurais.

Partindo da perspectiva da ecologia das mídias<sup>3</sup> e de como a aparição de novas espécies modifica o conjunto, por meio de adaptações de alguns elementos e aparição de modelos híbridos, Scolari (2008) propõe o termo hipertelevisão para “definir o estado atual do dispositivo televisivo” (SCOLARI, 2008, p. 5). O conceito, alerta o autor, deve ser visto como “uma particular configuração da rede sociotécnica” e não como uma nova fase da série paleo/neotelevisão.

Esta hipertelevisão se caracterizaria, segundo Scolari (2008, p. 5), pela predominância de gêneros híbridos de ficção/realidade, pela expansão das histórias e multiplicação de programas narrativos, por múltiplos meios, em experiências transmidiáticas (JENKINS, 2006).

---

<sup>2</sup>Apontamentos durante observações dos professores Elton Antunes e Regina Helena Silva na sessão de qualificação deste trabalho em 25 de fevereiro de 2015.

<sup>3</sup>Perspectiva relacionada com a teoria materialista da comunicação e caudatária dos aportes da Escola de Toronto (McLuhan, Innis, Postman), a ecologia das mídias estuda os meios de comunicação como ambientes da ação humana, uma perspectiva que inclui as dimensões materiais, históricas, econômicas e interacionais dos processos comunicacionais, apresentando-se como um aporte teórico promissor para o estudo de fenômenos do campo da comunicação (BRAGA, 2008, p. 1).

A estas propriedades poderíamos somar muitas outras, desde a aparição incipiente de lógicas colaborativas - nas quais os usuários participam da geração de conteúdo ou em sua distribuição online (Youtube) – até o desenvolvimento de novas formas de consumo assíncrono (TiVO) ou pela difusão da mTV (televisão móvel) (SCOLARI, 2008, p. 6).

Essa “promiscuidade midiática”, enriquecida pelas experiências interativas, tensiona o ecossistema midiático, obrigando a uma adaptação.

Neste contexto, a televisão – um meio que, assim como a imprensa, vê com temor como as novas gerações a abandonam a favor de outras experiências midiáticas – deve transformar-se e adaptar-se para sobreviver. Entre outras palavras, a televisão deve simular o que não é: um meio interativo (SCOLARI, 2008, p. 7).

A referida simulação, defende o autor, se dá por meio de artifícios como as multitelas, relatos transmidiáticos e multiplicação de programas narrativos. A hipertelevisão, defende Scolari (2008, p. 7), responderia aos “hiperleitores, videojogadores aos televidentes formados em uma navegação dentro de entornos interativos”.

Embora concordemos com Scolari (2008) sobre o surgimento de uma nova audiência e as simulações desenvolvidas pelo aparato televisivo, questionamos a ausência, em sua teoria, de outros atravessamentos, tão ou mais potentes, na conformação da hipertelevisão. No nosso modo de ver, as opções do aparato televisivo estão envoltas em um feixe mais complexo de relações do que os contratos da audiência com os teletextos. Consideramos em nossa tese que, em uma mesma empresa, como a BBC, coexistem modelos de narrativas transmídia, como o seriado *Dr. Who*, e produções lineares como *Black Mirror*, cuja inovação está no conteúdo, não na forma de compartilhamento multitelas e na participação. Nas coberturas de megaeventos, podemos testemunhar atitudes diferenciadas de uma mesma emissora, a depender das transversalidades em jogo. Essa diversidade pode ser compreendida em parte pelo comportamento da audiência, como propõe Scolari (2008), mas precisa considerar outras dinâmicas.

Se o contexto sociocomunicacional contemporâneo está caracterizado por um enfrentamento entre ideais de verticalidade característicos da cultura de massa e de horizontalidade peculiares às lógicas de compartilhamento, tensionado por conexões *on* e *off-line*, o acoplamento de dispositivos se amplifica, as curvas de visibilidade e de enunciação se espriam multiplicadas e o tecido multilinear se expande assim como as relações de saber e

poder. É nesse sentido que propusemos o hiperdispositivo enquanto um atlas para orientar a leitura desse complexo ambiente contemporâneo de convergência midiática, no qual está inserido o dispositivo televisivo.

Apoiado em Eco (1979), Scolari (2008) justifica o uso do prefixo *hiper* em conexão com uma experiência hipertextual e na forma como essa experiência conformaria um leitor diferenciado. Para Eco (1979), o texto seria um tecido entrelaçado de signos à espera do leitor que vá preencher lacunas, cada um a seu modo.

Em sua obra *Hypertext: The Convergence of Contemporary Literary Theory and Technology*, George Landow (1992) procurou conectar, segundo ele próprio, estruturalismo e pós-estruturalismo ao emergente “universo hiper” característico do ambiente digital. Além do hipertexto, de Nelson (1990), o universo *hiper* inclui, hoje, termos como hipermídia, hipermediação (SCOLARI, 2008), hiperaudiência (MAESTRI, 2010).

Nessa obra e em outras que se seguiram, Landow (1992) se baseia em teóricos como Jacques Derrida, Roland Barthes, Gilles Deleuze e Michel Foucault para postular a tese de que o hipertexto encarna a abertura textual defendida por esses autores e permite desenvolver o conhecimento de forma não linear, não sequencial e associativa.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 1534) classifica *hiper* como “prefixo culto do gr. hupér (adv. e prep., origin.) ‘acima; acima de, sobre; por cima, superiormente, muito, demais, para lá de’ - morfologicamente com a raiz indo-européia \*ub- (sup- e sub-) ‘movimento de baixo para cima; elevação’ /.../”.

Ao estudar o uso do prefixo *hiper* no português brasileiro a partir de neologismos incorporados aos textos jornalísticos, Alves (2011) conclui que *hiper* deixa de exercer uma função de “posição”, assumindo a de “excesso”, ocupando um valor de superioridade em relação a *super-* e *ultra-* e um valor de inferioridade relativamente a *mega-*.

Defendemos a visão de que as experiências de leitura dos diversos textos em múltiplas linguagens e pesquisas possibilitadas pelo “universo hiper” são distintas daquelas características das “bibliotecas empoeiradas” a que se referia Foucault (2003). As conexões entre obras, textos, saberes e poderes encontram-se intercaladas e espessadas por camadas de algoritmos inexistentes nas décadas de 1970 e 1980, e esse espessamento interfere nas experiências temporais, espaciais e territoriais. A noção de convergência por nós defendida considerou um momento agudo da midiaticização da sociedade contemporânea, na qual os

limites entre dispositivos midiáticos e não midiáticos encontram-se embaçados. Com limites definidos, como ler os mapas gerados pela nossa proposta cartográfica? Se consideramos que os mapas não são produtos neutros e apontam para determinadas construções de mundo (SEEMAN, 2003), a leitura das representações cartográficas não pode se restringir às aparências primeiras, mas deve revelar também significados construídos historicamente. Essa organização dos mapas dá-se por meio dos atlas. E um atlas só nos serve, quando atualizado. É essa atualização que pretendemos fazer em relação à noção de dispositivo foucaultiana.

Além disso, este universo *hiper* apresenta-se atravessado por linhas de força e físsura de uma malha conceitual que consideramos apropriada para explicar os mecanismos de acoplamento dos dispositivos esportivo, midiático e jornalístico, por nós analisados.

Assim, por hiperdispositivo nos referimos a um *atlas para leitura de um sistema polifônico de relações de saber-poder característico do contexto sociocomunicacional contemporâneo do processo de convergência de mídias, no qual dispositivos midiáticos e não midiáticos expandidos pelos movimentos em redes on-line e off-line se articulam para promover o espessamento (ou rareamento), a exposição (ou apagamento) de linhas de força e fuga que lhe configuram e atravessam, promovendo rearticulações nas curvas de visibilidade e de enunciação dos dispositivos em regime de acoplamento.*

### **3. Hiperdispositivo, Multimídia, Intermídia, Transmídia e Multiplataformas**

No processo de mapeamento cartográfico proposto em nosso estudo, vimos configurar-se uma cartografia do emaranhado constitutivo do hiperdispositivo que nos propusemos a desvelar. Camadas múltiplas de territorialidades muitas vezes justapostas, nas quais curvas eram constituídas alargadas ou desviadas, a depender das linhas de força em ação nas diversas temporalidades acionadas ou não. Regimes de visualidades conformavam ou desconformavam, sedimentavam-se ou se dissolviam embalados por estratégias e táticas várias. Ao conformarem, se transformavam. Ao se transformarem, reconformavam-se. Nesses fluxos e refluxos deixavam entrever, ainda que às vezes de modo turvo, seus modos de ser, saber, poder.

A depender da linha acionada no novo em estudo, percebemos facetas contingentes de uma televisualidade construída sobre um feixe complexo de relações. A televisão que se mostra fala pouco de si. Mas se a surpreendemos com interrogações, responde ininterruptamente. Assim como o sexo em Foucault, a televisão “foi um dia capturada por um mecanismo bastante feérico” (FOUCAULT, 2014, p. 85) – o qual nomeamos convergência de mídias –, ao ponto de quase se tornar invisível. Uma invisibilidade capaz de revelar muito de si e dos outros, em jogos refinados de luzes e cores.

Em regime de enredamento com o jornalismo e os esportes, muitas vezes fala, sem nada dizer. Outras vezes, diz no silêncio. Vários falam por ela, apresentam-se sabedores de seus segredos, de sua saúde, de seus rumos. Mas as portas abertas podem enganar, ocultar outras múltiplas entradas, labirínticos modos de se configurar. Enxergar o jornalismo que ali se conforma revelou-se tarefa complexa, “um dos mais complexos dispositivos da contemporaneidade” (BRUCK, 2012, p. 13). Está envolto por discursos apocalípticos, tecnologias dispersivas, técnicas eficazes, modelos desconexos, arquiteturas estratégicas, rotinas arraigadas, sujeitos, vontades, vaidades, iras, escândalos. Tensionado pela necessidade de absorver novidades, como se de fato fosse fazer delas algo absolutamente diferenciado, um jornalismo que se justifica por meio de rótulos. Para preservar o que um dia pensou ser, compartimenta-se em departamentos e gêneros, como se esses fossem capazes de vedar as fissuras por onde conteúdos muitas vezes considerados de segunda ordem pelos próprios jornalistas – entretenimento, esportes, moda – irão se esgueirar e revelar outras roupagens possíveis.

O jornalismo hoje está colocado “no centro de uma formidável petição de saber” (FOUCAULT, 2006, p. 86). Múltipla petição, pois nos força a questionar a quantas anda, enquanto ele próprio se diz perdido, sem rumos. Estará mesmo sem rumos? Ou poderíamos pensá-lo enraizado por demais nos caminhos que traçou para si? Arraigado ao ponto de ignorar outros devires, deixando-se guiar por dispositivos contraditórios com seus valores e enunciados.

O sucesso do poder, diz Foucault (1999), está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos. Pensar o jornalismo em suas relações de saber-poder é reconhecer a premissa dos segredos que o envolvem. Segredos que nós, jornalistas, ajudamos a elaborar todos os dias, pactuando com relações e intervenções silenciadas ou gritadas, na

tentativa de convencer sobre nossa credibilidade. O segredo está na fala verborrágica das imagens. Na profusão de discursos que ocultam. Nas múltiplas telas que caçam a audiência dispersa. O segredo referido não é da ordem do abuso, do ocultamento simplório. É um segredo indispensável, pois predispõe à aceitabilidade. Ainda assim, é ocultação. Mas uma ocultação que não se opõe à *transparência*, princípio tão caro ao jornalismo. Deixar *trans parecer* significa, no nosso entendimento, abrir-se às conversas, impregnar-se por outros modos de ver, acrescentar novos olhares à profusão de telas, traçando linhas de fuga coerentes com seus princípios primeiros, constituindo modos de ser, aí sim, *trans midiáticos*, no sentido de possibilitar a circulação, a construção coletiva, a incorporação das múltiplas vozes, das polifonias sociais.

Ao enredar-se em dispositivos afeitos a estratégias de repressão normativa como as Olimpíadas, aceitando, em regime de convivência e lealdade, suas regras, o telejornalismo se distancia destes princípios, cai nas armadilhas da profusão imagética, lê em cartilhas alheias. Assume-se enquanto parceiro, ainda que crítico. Vira refém de um Circus Maximus (ZIMBALIST, 2015), contribuindo para sua perpetuação, deixando-se seduzir por seus espetáculos refinados, constituindo-se por meio dele.

Entretanto, essa não é a faceta única do dispositivo jornalístico em regime de acoplamento com as mídias e os esportes. Linhas de fuga se configuram por meio de denúncias, do afrontamento às regras, da abertura de janelas outras, ainda que sujeitas ao escanteio dos comentários em um blogue. O mesmo mecanismo que oculta, revela e nos permite enxergar criticamente outras facetas do espetáculo olímpico. Onde há poder, diz Foucault, há resistência.

Somos todos parte do hiperdispositivo que apontamos, já que estamos conectados na mesma trama que os configura. Desse modo podemos também considerar os diversos sujeitos da luta anti-olímpica visitados em nossa tese. O processo de convergência de mídias não pode existir senão “em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência” (FOUCAULT, 2006, p. 104). As resistências em si só podem existir no campo das estratégias deste hiperdispositivo enquanto “locutores irredutíveis”.

Embora distribuídas de forma irregular em todo o mundo<sup>4</sup>, as mídias conectadas em rede constituem-se cada vez mais em suporte para a formação de “focos e disseminação”. Entretanto, como pudemos observar em nossa pesquisa, o próprio dispositivo midiático que as une, também isola, a depender das temporalidades e territorialidades acionadas, o que acaba por transformá-las em “pontos de resistência móveis e transitórios”, provocando clivagens no hiperdispositivo, mas não rupturas. Pelo menos por ora, já que, segundo Foucault, da mesma forma que a rede de relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa as instituições sem nelas se localizar, também os pontos de resistência pulverizados atravessam as redes e atingem indivíduos. É essa codificação estratégica, diz o filósofo francês, que torna possível a revolução.

Quando as luzes do espetáculo olímpico se apagam em um território, deixam ali as marcas da sua interferência que, impulsionadas pelas memórias em rede (Huysen, 2000), se potencializam, intervindo, nas curvas de visibilidade da máquina olímpica. Revela-se sintomática a recusa de países europeus em receber o aparato olímpico nos próximos anos, em função da recusa de seus cidadãos frente aos gastos excessivos e pouco retorno social (ZIMBALIST, 2015). Também parece-nos relevante a informação de Berkes (2013) sobre o distanciamento das mídias tradicionais, em expressivo esvaziamento da cobertura dos Jogos, muito embora estejam sendo substituídos por sujeitos multimidiáticos. Uma midialidade múltipla forjada sobre rigoroso regime normativo, já que, por multimidialidade, compreendemos expressões em textos polifônicos, em mensagens mescladas, remixáveis, remexíveis. Aquela linguagem com a qual se comunicam os jovens, alvo primeiro da estratégia de sobrevivência olímpica. Estratégia incapaz de enxergar a própria contradição (ou talvez silencie-se sobre ela), uma vez que promove o policialesco apagamento dos produtos multimídia gerados espontaneamente pelo seu público de interesse.

Se partimos da perspectiva intermediática de Alzamora e Tárzia (2012), acrescentamos à definição os usos, muitas vezes limitados, das vozes em rede, opção da BBC na maior parte de sua cobertura olímpica. Por esta perspectiva, intermidialidade se refere não apenas a “formas de produção e circulação de informações que se estabelecem no cruzamento e

---

<sup>4</sup>O chamado *dividendo digital* (WORLD BANK, 2016) não significa apenas acesso à internet, mas às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) por diferentes segmentos sociais. Fatores como qualidade de conexão e custos dos serviços em contexto internacional são considerados pelo Banco Mundial ao identificar que “os desafios tradicionais ao desenvolvimento estão impedindo a revolução digital de realizar seu potencial de transformação.”

complementariedade de ambientes midiáticos variados” (p. 11), sem o “deslocamento ou alteração no referencial midiático” (p. 11), mas também a conversações interceptadas e apropriadas pelas diversas mídias, sem que signifiquem uma interferência nos conteúdos de cada uma delas. Por multiplataformas, na perspectiva da nossa tese, compreendemos uma perspectiva mais abrangente, podendo configurar-se em sua perspectiva intermediática ou transmidiática, como apontamos em projetos da própria BBC.

#### 4. Sobre “mortes” e novos compostos

Deleuze (1990) se refere ao princípio geral de Foucault: “toda forma é um composto de relações de forças. Estando dadas forças, perguntar-se-á então primeiramente com que forças de fora elas entram em relação e, em seguida, qual a forma resultante.” (DELEUZE, 1990, p. 132)

Em nossa tese, partimos das forças em três dispositivos agregados circunstancialmente – jornalístico, midiático e esportivo. Forças de divulgar, congregar, encantar, cujo acolhimento histórico conformou um emaranhado de linhas de sedimentação, mas também de fissura, tensão. Tratamos, em nossa caminhada, de saber com quais outras forças, aquelas forças entraram em relação e em que formas resultaram este “composto de forças” (DELEUZE, 1990, p. 132).

Reconhecemos, genealogicamente, forças de fora e de dentro, em cada dispositivo analisado, capazes de abrir brechas e evidenciar contradições e preenchimentos estratégicos no hiperdispositivo. Esses momentos, Carlón (2004) identifica como efeito *blow up* de um hiperdispositivo, quando algo imprevisto pode chegar a modificar o curso dos acontecimentos. Podemos destacar entre 1896 (1ª edição dos Jogos Olímpicos Modernos) e 2012 (nosso objeto de estudo) três desses efeitos, em que forças estiveram tensionadas ao ponto de reconfigurar os compostos anteriores.

No período Coubertin, que identificaremos como **forma-jornal**, em que os Jogos Olímpicos estiveram pautados pelos padrões maçons de amizade e lealdade, a elite burguesa emergente, da qual faziam parte os donos de jornais, ajudou a sustentar o projeto do barão francês. Tratou-se de um momento em que as curvas de visibilidade foram construídas a partir de relações pessoais, das amizades, quase um *playground* das elites, já que “apenas as classes

abastadas tinham tempo de lazer para se engajar em esportes” (ZIMBALIST, 2015, p. 8) e o caráter amador das competições limitava a participação daqueles que faziam dos esportes uma profissão. Esse período foi marcado pelo domínio da imprensa enquanto “quarto poder” – termo cunhado na Grã-Bretanha pelo jornalista F. Knight Hunt, no final do século XIX – e pela efervescente conexão dos donos de jornais especializados em esporte com os promotores de eventos esportivos – caso das Olimpíadas, uma vez que o próprio Barão de Coubertin era jornalista. As possíveis linhas de fissura à época – cinema e rádio –, foram rapidamente apagadas pela força da mídia impressa, que se sedimentou enquanto principal fonte de informações sobre as Olimpíadas em todo o mundo até o advento da mídia televisão (JOST, 2010), no pós-Guerra, em 1948.

As forças da imprensa escrita e do esporte amador entraram em relação com outras forças, como a expansão do capitalismo, construção de identidades nacionais e imperiais, industrialização, crescimento das massas urbanas (SILVA; ZIVIANI; MADEIRA, 2014) e com o apelo cada vez mais significativo da mídia eletrônica, em meados do século XX, formando um novo composto, que identificaremos como **forma-televisão**, com novos regimes temporais, visuais e territoriais. O surgimento de um novo composto, no nosso entendimento, não significa a morte da forma-jornal, mas seu relativo apagamento nas relações de saber/poder estabelecidas entre a nova mídia e o universo olímpico. Neste período, cabe à forma-jornal o papel de fixar-se enquanto quarto poder, questionando justamente a conexão considerada escandalosa entre televisão e Olimpíadas, na “formação histórica” (DELEUZE, 1990, p. 134) das décadas de 1970 a 1990.

A década de 1990 está marcada por uma terceira dobra significativa: o surgimento da internet comercial, com ramificações capazes de tensionar todas as outras formas dos dispositivos analisados, configurando a **forma-internet**.

Porém, “é evidente”, diz Deleuze (1990, p. 134), que “toda forma é precária, pois depende das relações de forças e de suas mutações.”. A questão, sempre retomada, é se as forças “só compõem uma forma entrando em relação com as forças do lado de fora, com quais novas forças elas correm o risco de entrar em relação agora” (DELEUZE, 1990, p. 134) e que nova forma poderia advir, que não seja mais nem forma-jornal, nem forma-televisão, nem forma-internet? Está aí, consideramos, o lugar da **forma-hiperdispositivo**, enquanto possibilidade de leitura (atlas) do que significa o confronto dos dispositivos jornalístico,

esportivo e midiático com as forças do processo de convergência de mídias, estrato composto a partir dos embates entre as formas jornal/televisão/internet ao qual se junta outra potente força de fora: a participação dos cidadãos enquanto mídia, em uma “superdobra”.

Como diria Foucault, em relação à tão polêmica morte do homem, o super-homem (hiperdispositivo) é menos que o desaparecimento dos homens existentes (forma-jornal, forma-televisão, forma-internet) e muito mais que a mudança de um conceito: é o surgimento de uma nova forma, nem jornal, nem televisão, nem internet, a qual esperamos, não será pior que as suas precedentes.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, [S.l.], n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

ALVES, Ieda Maria. O prefixo hiper- em um *corpus* jornalístico do português brasileiro. *Matraga: estudos linguísticos e literários*. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, v. 28, n.28, p. 129-142, jan.-jun. 2011.

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, n. 1, p. 22-35, 2012a.

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. A narrativa jornalística transmidiática: considerações sobre o prefixo trans. In: LONGHI, Raquel; d'ANDREA, Carlos. *Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências*. Florianópolis: Insular, 2012b. p. 15-31.

ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUES, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia. *Revista ECO-Pós*, v. 17, n. 1, 2014, p. 1-12.

ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUES, Tacyana Karinna Arce; UTSCHE, Raquel. Acontecimentos agenciados em rede: os eventos do Facebook no dispositivo protesto. In: SILVA, R. H. A. *Ruas e redes: dinâmicas dos protestosBR*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2014. p. 39-65.

APPELGREN, E. Convergence and divergence in media: different perspectives. In: *Elpub2004 - 8th International Conference on Electronic Publishing*, Brasília, 2004. p. 237-248.

- BERKES, Howard. Entrevista à autora por *e-mail*. 2014.
- BOCZKOWSKI, Pablo. *Digitalizing the News: Innovation in Online Newspapers*. New York: Mit Press, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Os Jogos Olímpicos. In: BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 123-128.
- BRAGA, Adriana. Ecologia da Mídia: uma perspectiva para a comunicação. Trabalho apresentado no NP Teorias da Comunicação, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação. *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Natal, RN, 2 a 6 de setembro de 2008.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRUCK, Mozahir. Uma palavra: dispositivo. *Revista Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 36-41, 2012.
- BUSSOLINI, Jeffrey. What is a dispositive? *Foucault Studies*, New York, n. 10, p. 85-107, 2010.
- CARLÓN, Mario. *Sobre lo televisivo: dispositivos, discursos y sujetos*. Buenos Aires, Argentina: La Crujía, 2004.
- DAYAN, Daniel. Sharing and Showing: Television as Monstration. In: KATZ, Elihu; SCANNEL, Paddy. *The End of Television?: Its Impact on the World (So Far)*. London: SAGE, 2009. p. 19-31.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- ECO, Umberto. *Lector in Fabula*. Milão: Bompiani, 1979.
- ECO, Umberto. Tevê: A transparência perdida. In: \_\_\_\_\_. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 195-203.
- FAGERJORD, Anders; STORSUL, Tanja. *Questioning convergence*. 2007. Disponível em: <<https://www.duo.uio.no/bitstream/handle/10852/37257/Ambivalence+Fagerjord+&+Storsul.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 jan. 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos: Estratégia, Poder-saber*. v. 4. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos: Estética Literatura e Pintura, Música e Cinema*. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: a vontade de saber*. v. 1. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

GORDON, R. The meanings and implications of convergence. In: K. Kawamoto. *Digital Journalism: emerging media and the changing horizons in journalism*. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003. p. 57-73.

HEPP, A. *et al. Connectivity, Networks and Flows: conceptualizing contemporary communications*. New York: Hampton Press, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUYSSSEN, A. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplanos Editora, 2000.

JENKINS, Henry. Convergence? I diverge. *Technology review*, 104.5, 2001, p. 93.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

JOST, François. *Compreender a televisão*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010.

KESSLER, Frank. *Notes on dispositif*. v. 15. Utrecht (NL): Universiteit Utrecht, 2006.

KLEIN, Otávio. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. *Estudos em Comunicação*, Beira Interior, n. 1, p. 215-231, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.ec.ubi.pt/ec/01/\\_docs/artigos/klein-otavio-genese-do-conceito-dedispositivo.pdf](http://www.ec.ubi.pt/ec/01/_docs/artigos/klein-otavio-genese-do-conceito-dedispositivo.pdf)>. Acesso em: 6 fev. 2014.

KOLODZY, Janet. *Convergence Journalism: writing and reporting across the news media*. Oxford: Rowman & Littlefield, 2006.

LANDOW, George P. *Hyper/Text/Theory*. Londres: The Johns Hopkins University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Hipertexto: la convergencia de la teoría crítica, contemporánea y la tecnología*. Barcelona: Paidós, 1995, p. 13-49. Disponível em:

<[http://www.fba.unlp.edu.ar/medios/biblio/2011\\_landow\\_hipertexto\\_cap\\_1.pdf](http://www.fba.unlp.edu.ar/medios/biblio/2011_landow_hipertexto_cap_1.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

MAESTRI, Mariana. Sobre las hiperaudiencias. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra. *Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosario, Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 127-137.

MANOVICH, Lev. *Remixing and remixability*, 2005. Disponível em: <<http://manovich.net/DOCS/Remix>>. Acesso em: 12 mar 2014.

MAXWELL, Richard; MILLER, Toby. Old, new and middle-aged media convergence. *Cultural Studies*, Cardiff, v. 25, n. 4-5, p. 585-603, 2011.

QUINN, Stephen. *Convergent journalism: The fundamentals of multimedia reporting*. cidade: Peter Lang, 2005.

RAFFNSØE, Sverre; GUDMAND-HØYER, Marius; THANING, Morten S. Foucault's dispositive: The perspicacity of dispositive analytics in organizational research. *Organization*, first published on September 17, 2014.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. *Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Sol 90, 2008.

SEEMANN, Jörn. Mapas e as suas “Agendas Escondidas”: propostas para uma “Cartografia Crítica” no ensino de Geografia. *Anais do Sétimo Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia*. Vitória/ES – UFES – 14 a 18 de setembro de 2003, p. 24-31.

SCOLARI, Carlos Alberto. *Hipermediaciones*. Elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008a.

SILVA, R. H. A.; ZIVIANI, Paula; MADEIRA, Thaíse Valentim. Os megaeventos como arena: o jogo das identidades e os espetáculos das culturas. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do *XXIII Encontro Anual da Compós*, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

TAMELING, Klaske; BROERSMA, Marcel. De-converging the newsroom Strategies for newsroom change and their influence on journalism practice. *International Communication Gazette*, Londres, v. 75, n. 1, p. 19-34, 2013.

WORLD BANK. World Development Report 2016: Digital Dividends. Disponível em: <http://www.worldbank.org/en/publication/wdr2016>. Acesso em: 26 jul 2016.

ZIMBALIST, Andres. *Circus Maximus: the economic gamble behind hosting the Olympics and the World Cup*. Washington: Brookings, 2015.